

## OS JOVENS E AS OBJETIVAÇÕES DAS EMOÇÕES E SENTIMENTOS NO ESPAÇO ESCOLAR

**Lívia Fernanda Nery da Silva Viana**  
Universidade Federal do Piauí  
livia.nery@hotmail.com

### RESUMO

Este texto resulta de uma pesquisa de mestrado realizada em duas escolas da rede pública municipal de ensino de Teresina, situadas nas zonas leste e sul. Este trabalho apresenta parte da pesquisa, a qual identificou elementos concretos na objetivação da afetividade na relação entre docentes e discentes no contexto escolar pesquisado. Os referenciais teóricos que balizaram este trabalho foram na sua essência da psicologia e da sociologia da educação. O objetivo central deste trabalho era analisar a afetividade como elemento de enfrentamento as violências na escola. Para melhor delimitar este estudo, algumas questões foram suscitadas, dentre elas o que é afetividade? A partir de Wallon (1971) definimos a categoria afetividade como o conjunto maior que engloba todos os sentimentos, emoções e paixões do ser humano, sendo que a emoção é caracterizada pelo seu teor mais visceral e os sentimentos são mais profundos e ideativos. A base teórica de nossa pesquisa são os estudos de Wallon (1971), Ilana Laterman (2000), Miguel Arroyo (2004). Ao optarmos pela pesquisa qualitativa utilizamos alguns procedimentos metodológicos que permitiram aferir dados, tanto em termos qualitativos como também em relação ao volume de informações. O material coletado nas entrevistas e questionários apresentou uma riqueza fundamental para pesquisa e assim as percepções dos entrevistados corroboraram com este trabalho.

**PALAVRAS CHAVE:** afetividade. Interação. Educação. Violência. Discentes .

### Introdução

Este texto resulta da pesquisa realizada em 2005, acerca da importância da afetividade na relação professor aluno para o enfrentamento das violências na escola. Os referenciais teóricos que balizaram este trabalho foram na sua essência da psicologia e da sociologia da educação.

O objetivo central deste trabalho era analisar a afetividade como elemento de enfrentamento as violências na escola. Para melhor delimitar este estudo, algumas questões foram suscitadas, dentre elas o que é afetividade? Como os jovens objetivam a afetividade com os professores das escolas na quais estudam?

A base teórica de nossa pesquisa são os estudos de Henry Wallon (1971), Norbert Elias (1994), Paulo Freire (1996), Ilana Laterman (2000), Miguel Arroyo (2004), Miriam Abramovay (2004) e outros(as).

Ao optarmos pela pesquisa qualitativa utilizamos alguns procedimentos metodológicos que permitiram aferir dados, tanto em termos qualitativos como também em relação ao volume de informações. Foram aplicados 19 questionários para docentes, 18 questionários para discentes, constando de perguntas abertas e fechadas. As entrevistas, compostas por um roteiro semi-estruturado, contemplaram 05 discentes, 06 docentes de cada escola e 2 moradoras de cada comunidade. A entrevista semi-estruturada ofereceu oportunidade aos entrevistados de expressarem suas opiniões e os sentimentos que embasavam seus discursos e suas práticas. Também foi utilizada a observação participante, que perdurou por seis meses, período no qual chegávamos à escola antes do toque de entrada e permanecíamos até o horário da saída. Participamos de reuniões de pais e mestres, palestras educativas, planejamentos e reuniões dos professores. Utilizamos as informações obtidas, para facilitar a análise dos discursos empregados pelos pesquisados.

O material coletado apresentou uma riqueza fundamental para a pesquisa e assim as percepções dos entrevistados definiram algumas categorias de análise e com as conclusões deste trabalho. A seguir a aproximação conceitual e trechos da pesquisa empírica.

### **Aproximação conceitual e teórica**

A partir de Wallon (1971) definimos a categoria afetividade como o conjunto maior que engloba todos os sentimentos, emoções e paixões do ser humano, sendo que a emoção é caracterizada pelo seu teor mais visceral e os sentimentos são mais profundos e ideativos. A pesquisa foi configurada a partir de entrevistas e de questionários respondidos por docentes e discentes das Escolas Sul e Leste, da cidade de Teresina-Pi.. Ressaltamos que os nomes dos docentes foram modificados, a partir da escolha dos mesmos, de forma a identificarem o sentimento ou emoção que melhor os definissem em sala de aula.

Na análise dos questionários, verificamos que os jovens das Escolas Sul e Leste manifestam afetividade de duas formas, fato que se confirmou com as observações em sala de aula. Assim, as duas grandes categorias foram identificadas e nomeadas à luz da perspectiva de Wallon (1971).

A primeira é a atividade postural, assim explicitada por Wallon (1971, p. 48): “na maioria das espécies, desde o nascimento, se produzem movimentos que colocam o animal em condições de reagir segundo seus apetites e necessidades, às diferentes circunstâncias do meio”. Desse modo, a atividade postural é a categoria que explica os comportamentos físicos, gestuais e atitudinais dos pesquisados. A atividade postural aparece com as manifestações de contato epidérmico, ou seja, com o toque entre os atores educacionais e o contato não epidérmico, que aparece na forma de gestos ou proximidade sem toque.

A outra categoria refere-se às manifestações de linguagem oral e escrita que aparecem de forma relevante nos relacionamentos nas escolas. Neste sentido, Wallon (1971) afirma a importância de serem vencidas as diversas etapas de estruturação da linguagem para expressão de desejos, necessidades e integração às situações das quais o ser humano participa, no sentimento soberano de sua identidade pessoal. Através da linguagem, tanto nas manifestações orais quanto na escrita dos pesquisados, revelam-se os variados sentimentos que caracterizam o cotidiano escolar. A linguagem oral perpassa desde as conversas mais amenas que sugerem complacência, preocupação, até os gritos histéricos que demonstram as irritações e desesperos de algumas professoras. A forma escrita aparece como fonte de expressão de carinho dos discentes para os docentes, principalmente com as cartinhas e bilhetinhos que as alunas escrevem para as professoras.

Essas categorias constituíam-se em fortes veículos de expressão da afetividade nas condições observadas. Foi através de ambas, atividade postural e linguagem, que os aspectos afetivos manifestaram-se na mediação professor-aluno, com os diversos comportamentos a serem apresentados a seguir.

### **Os jovens e suas objetivações de afetividade**

Os jovens expressam sua afetividade em atitudes que podem ser sistematizadas nas mesmas categorias empregadas para os professores, ou seja, em atitudes posturais e manifestações de linguagem, que envolvem elementos da fala e da escrita. Os jovens são particularmente verdadeiros quanto à manifestação da afetividade, sendo isso visível nas expressões faciais, de voz e demais comportamentos.

Os discentes evidenciaram posturas como o beijo e o abraço nas manifestações de sua afetividade. Eles empregam esses comportamentos com os professores que

aparecem como mais amigos e que estabelecem relacionamento cordial com eles. Nós não presenciamos momentos de efetivação dessas práticas na escola.

No que tange às atitudes posturais, verificamos que os discentes pedem para levar as bolsas e demais materiais didáticos que o professor está carregando na escola. Essa evidência é extremamente importante, pois alunos que têm comportamentos agressivos e pedem aos professores para levar o material tendem a mudar de comportamento naquelas aulas em que o professor permite que ele auxilie. Como afirma a professora Esperança Sul:

Eu tinha medo e, quando eu vinha eles corriam e me encontravam, não queriam saber se eu dava ou não, iam tomando a bolsa. Eu tirava os documentos colocava dentro do meu bolso e fui deixando, porque se eles faziam para mexer comigo não iam conseguir e desse jeito eu fui conquistando. No final, ele ficou meu amigo, ele ficou reprovado e, no ano seguinte foi meu aluno de novo. Ele se levantava e mandava os que estavam mal comportados ficarem calados, até que ele completou a idade, ele nunca passou de série, enquanto foi meu aluno, durante 3 anos. Aí terminou passando para a noite, eu ganhei o aluno, já ganhei vários desse jeito, levando assim, deixando eles à vontade, não me irritando, me fazendo de amiga, terminei dobrando vários, agora nem sempre a gente consegue.

Acerca das manifestações de linguagem, constatamos uma retração por parte dos alunos, que não externam muito de si para os professores, mesmo nos momentos de dúvida concernentes aos conteúdos, parecendo sentir vergonha. Entretanto, ouvimos alguns palavrões ou xingamentos dirigidos a determinados professores sem que estes pudessem ouvi-los.

As manifestações de linguagem escrita não foram detectadas entre os alunos da Escola Municipal Sul, ou seja, eles não costumam escrever cartinhas ou mensagens para seus professores. Isso nos levou a supor que os alunos sentem timidez em relação aos professores.

As alunas afirmam darem beijos e abraços nos seus professores. Apesar de não termos confirmado esses procedimentos dentro da escola, verificamos que as meninas parecem menos retraídas que os meninos, por isso estabelecem contatos posturais mais próximos com os docentes. É comum para elas acompanhar os professoras pela escola, conversando e ajudando-os com os materiais didáticos.

As alunas, ao usarem a linguagem oral e a escrita com os professores, demonstraram uma maior proximidade com eles, sem temerem revelar sentimentos ou

expressar solidariedade aos professores. No caso a seguir, a aluna explicita o carinho pela professora que sofre severas críticas dos colegas, pois a disciplina que ministra relaciona-se diretamente às noções de higiene, saneamento e saúde que envolvem os alunos da Escola Municipal Sul. Apreciaremos trechos de uma cartinha feita por uma aluna para a professora, a seguir:

Professora,  
Quero que a senhora saiba que apesar de muitos alunos não concordarem com o jeito que a senhora dá suas aulas tem gente que gosta. Não ligue para o que certos tipos de alunos dizem porque a vida é assim mesmo.[...] Não tem nada, no meio de tantas pessoas que não gostam da senhora têm gente que lhe elogia e gosta do tipo de aula que a senhora dá, porque a senhora sabe tratar cada tipo de aluno.[...] Siga sempre assim e não deixe de ser o que você é para ser o que não é. [...] De uma aluna que te quer bem.

No caso específico dessa professora, há um conflito com os alunos, já que ela fala sobre os perigos de frequentar o *Tchon*, causando embaraço neles ao explicar os riscos de saúde que correm. Essa professora já foi vítima de situações perigosas em razão do conteúdo que ministra, por isso, resolveu mudar de tática a fim de melhorar a relação com os discentes, o que vem conseguindo paulatinamente.

Os alunos da Escola Municipal Leste afirmaram expressar-se com beijos e abraços nos seus professores, mas não efetivaram essa prática durante os meses que permanecemos nas salas de aula. Afirmaram também acompanhar os docentes nas varias dependências da escola para ajudá-los com os materiais que carregam, prática essa bastante comum por parte dos jovens, pois percebemos que quando o professor permitia que levassem seus materiais de trabalho, havia uma satisfação latente nos discentes, que passavam a se sentir co-responsáveis por aquela aula. Entretanto, nas aulas dos professores a quem não eram oferecidos tais préstimos, constatamos o oposto nos comportamentos dos discentes podendo afirmar que determinados professores nunca foram contemplados com essas atitudes, cordiais, e suas aulas não tinham co-responsáveis. Acompanhar os docentes explicita sentimentos afetuosos do jovem em relação ao contemplado pela atitude e reflete harmonia entre os envolvidos.

Os conteúdos escritos não foram evidenciados, por isso não conseguimos nenhum exemplo dessas manifestações, reforçando a suposição de timidez ou receio por

parte dos alunos, já que eles não estabeleciam conversas particulares com os professores.

As alunas da Escola Municipal Leste acompanhavam os professores a outros ambientes da escola com satisfação e contentamento.

As meninas não costumam evidenciar apreço ou desagrado pelos professores com os conteúdos escritos.

Não presenciemos beijos e abraços manifestados pelas alunas aos professores no espaço escolar. Assim as jovens da Escola Municipal Leste apresentavam um modelo diferente das alunas da Escola Municipal Sul. As alunas da Escola Municipal Leste eram mais reservadas, contudo nos momentos de conflito apresentavam-se solidárias ao grupo de discentes expressando o que o coletivo parecia sentir nas situações.

Os jovens apresentam um quadro típico da adolescência e vivem momentos de conflito interior. Nesse sentido, dão preponderância às ações que vêm do mundo exterior, valorizando assim as opiniões dos colegas.

Os discentes, portanto, passam por momentos de grandes transformações físicas, já que os hormônios são secretados pelas glândulas e causam desenvolvimento físico, além de novas sensações, principalmente as de cunho sexual, e o aumento da agressividade também são inerentes a essa fase (ZAGURY, 2000).

Vivem um momento de crise, transformação, desorientação e necessidade de aceitação, por isso demoram horas em frente ao espelho observando as suas novas características físicas. Ao mesmo tempo em que desejam a mudança que envolve físico e comportamentos, ainda não se desfizeram do “eu” anterior, o da infância (ZAGURY, 2000).

Percebemos isso a partir das formas de afetividade demonstradas por eles aos professores, pois muitos escreviam as cartinhas e acompanhavam os professores pela escola, sendo tais características mais específicas de crianças, o que revela a dubiedade de sentimentos e comportamentos. Wallon (1979) *apud* Pinheiro (1995) afirma: “fenômenos que são fenômenos muito gerais da vida afetiva tomam nesta idade um relevo surpreendente porque precisamente a vida afetiva se torna muito intensa: trata-se daquilo a que chamamos ambivalência das atitudes ou sentimentos”.

Essa dubiedade reflete o estágio de desequilíbrio pelo qual passam todos os jovens e reforça a importância que o outro tem nas suas vidas. Comprovamos isso com a cartinha da aluna para a professora, pois esta, ao alertar os alunos para os perigos oriundos do aterro, terminava por magoar alguns jovens, enquanto outros, mesmo

sabendo que não podiam deixar de ir ao *Tchon*, reconheciam que a docente não queria humilhá-los, e sim orientá-los. Os jovens parecem estar em busca da complacência dos professores.

As alunas da Escola Municipal Leste são solidárias aos colegas de sala nos momentos de confronto com professores. Expressam carinho pelos docentes com sorrisos e ao acompanhá-los até a sala de aula carregando os materiais didáticos. Contudo, de modo geral, são menos afetuosas que as alunas da Escola Municipal Sul.

Em sentido oposto, desponta o relacionamento dos alunos, da Escola Municipal Leste que parecem necessitar de mais carinho e por isso procuram chamar mais a atenção, em busca de explicitações de afetividade por parte dos professores. Para eles, o que importa é que os professores percebam as suas presenças e façam algo para demonstrar que os vêem. Isso parece relevante, pois o Bairro Leste tem um dos maiores índices de criminalidade da cidade, e os jovens envolvidos são remanescentes da Escola Municipal Leste, inclusive alguns irmãos dos nossos pesquisados são líderes de gangues. Então, concluímos que há nesses jovens alunos busca de compreensão, carinho e afeto. Tais expressões podem realmente funcionar como elemento transformador na vida desses jovens.

Um elemento constatado nas observações e confirmado nas entrevistas, é que os alunos gostam de ser chamados pelos nomes, elogiados em público pelos professores quando obtêm boas notas nas provas. O fato de os professores saberem seus nomes é importante, porque, assim como os elogios, garante um *upgrade* de confiança e respeito entre os próprios discentes. A seguir uma situação observada na Escola Municipal Sul:

Em 28/10/04

A professora entrega as avaliações de recuperação. A maioria das notas é abaixo da média e no início da entrega dos resultados a professora disse que somente uma aluna tinha conseguido tirar boa nota, mas não disse o nome da aluna. Após a entrega da última prova a professora repete que só uma aluna conseguiu a nota “azul”. Uma das meninas fala sorrindo:

- “Diga o nome da aluna professora! Diga quem foi”.

A professora “se toca” e responde para a própria garota sorrindo:

- “Foi você, Mar”.

## Conclusões

As expressões de afetividade por alunos e professores são importantes para as relações afetivas (um sorriso, falar um nome com carinho na voz) entre os atores envolvidos na pesquisa, pois há um *feedback* a partir do caráter contagioso da emoção, em momentos distintos do cotidiano escolar. Conseqüentemente aqueles que conseguem expressar sua afetividade de modo a conquistar a simpatia dos alunos tendem a suscitar neles atitudes altruístas e a enfrentar melhor as incivildades e violências na escola.

Em contrapartida, aqueles que não conseguem expressar um mínimo de carinho ou controlar suas atitudes emotivas como ira, cólera ou medo tendem a prejudicar os sentimentos dos alunos e revolver uma série de emoções e conflitos que podem culminar em graves danos a relação professor-aluno, fazendo emergir conseqüentemente violências na escola. Portanto, é preciso entender os significados dessas expressões para os jovens alunos, pois eles necessitam dessa interação no seu dia-a-dia escolar para uma relação menos conflituosa entre os atores do espaço escolar.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam et alii. **Avaliação do Programa Abrindo Espaços na Bahia**. Brasília: UNESCO. Observatório de Violências nas Escolas, Universidade Católica de Brasília, UNIRIO, 2003.

ABRAMOVAY, Miriam. **Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas**. Brasília: UNESCO, 2003.

\_\_\_\_\_; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO. Instituto Ayrton Senna. UNAIDS. Banco Mundial. USAID. Fundação Ford. Consed. UNDIME. 2004

ADORNO, Sérgio. Adolescentes, crimes e violência. In: ABRAMO, Helena; FREITAS, Maria Virginia; SPOSITO, Marília (org.) **Juventude em debate**. São Paulo: Cortez, 2000.

ALMEIDA, Ana Maria Silva. **A emoção na sala de aula**. Campina, São Paulo: Papirus, 1999.

ARAÚJO, Carla. **A violência desce para a escola – suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ÀRIES, Philippe. **História Social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro, Guanabara: Koogan, 1981.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.



\_\_\_\_\_. **Imagens quebradas: Trajetórias e tempos de alunos e mestres.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Tradução de Luis Antero Reto e Augusto pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1999.

BOMFIM, Maria do Carmo Alves do. **Lutas populares pela escola gratuita em Teresina** (o caso dos bairros Lourival Parente e Vila São Francisco Sul). São Paulo. PUC-SP. Dissertação de mestrado, 1991.

\_\_\_\_\_, Maria do Carmo Alves et al. **Violências, práticas pedagógicas e movimento contra-violência em escolas do Ensino Fundamental e Médio de Teresina – Pi (1999-2002).** Teresina, 2002.

CANDAU, Vera; LUCINDA, Maria da Consolação; NASCIMENTO, Maria das Graças. **Escola e violência.** 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CARVALHO, M. V.C. **Histórias de ser e fazer-se educador: desvelando a identidade do professor universitário e suas possibilidades emancipatórias.** São Paulo: PUC-SP. Tese de doutorado, 2004.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto.** São Paulo: Gente, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Amor: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações.** São Paulo: Gente, 2003.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória de Severino e a História de Severina: um ensaio de psicologia social.** São Paulo – SP: Brasiliense. 1986.

DEBARBIEUX, Eric (coor). **La violence à l'école: approches européennes.** Institute National de Recherche Pédagogic. In: Revue Française de Pédagogie, nº 23 – avril, mai-jun, 1998.

\_\_\_\_\_. **La vilence em milieu scolaire: perspectives comparatives portant sur 86 établissements.** Bordeaux: Université de Bordeaux II, 1966.

DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine. **La violence en milieu scolaire 3 dix approches en Europe.** Paris: ESP éditeur, 2001.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador vol I: Uma História dos Costumes.** Tradução Rui Jungmann; Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Sociologia.** Lisboa: Ed. 70, 1999.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador vol II: Formação do Estado e Civilização.** Tradução Rui Jungmann; Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

\_\_\_\_\_. **A Sociedade dos Indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** – Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Izabel. **Cenas do cotidiano escolar**: conflitos sim, violência não. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. Henry Wallon - **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 12º ed. Petrópolis: RJ, Vozes, 2003.

GAUTHIER, Clemont et al. **Por uma teoria da pedagogia**: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Tradução Francisco Pereira. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **A dinâmica da violência escolar**: conflito e ambigüidade. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

LATERMAN, Ilana. **Violência e incivilidade na escola** - Nem vítimas nem culpados. Florianópolis: SC. Livraria e Editora Obra Jurídica, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo, Cortez, 1994.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Juventude, professores e escola**: possibilidades de encontros. Ijuí: Unijuí, 2003.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da violência**. São Paulo, Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1987.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho (Org.). **A constituição da pessoa na proposta de Henry Wallon**. São Paulo, SP. Loyola, 2004.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu**. Tradução Adriano Marinho. Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, 2004.

\_\_\_\_\_. **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultural. Tradução Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis, RJ. Vozes: 2005.

\_\_\_\_\_. **A invenção do presente**. Tradução Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis, RJ. Vozes: 2001.

MORIN, Edgar. **Sociologia**: a sociologia do microssocial ao macroplanetário. Mira-Sintra: Europa-America, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Fala galera**: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

NETO, Otavio Cruz. O trabalho de campo como descoberto e criação. In MINAYO, Maria Cecília de Sousa. (Org.) et al. **Pesquisa Social** – Teoria, método e criatividade. 20 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky-Aprendizado e Desenvolvimento um Processo Sócio-Histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

ORTEGA, Rosário. **Estratégias educativas para a prevenção da violência**. Tradução de Joaquim Osório. Brasília: UNESCO, UCB, 2002.

PERALVA, Angelina. Escola e violência nas periferias urbanas francesas. In: **Contemporaneidade e Educação**. Revista semestral de Ciências Sociais e Educação. Revista semestral de Ciências Sociais e Educação, ano II, n. 2, Rio de Janeiro: IEC, 1997.

\_\_\_\_\_. **Violência e democracia – O paradoxo brasileiro**. São Paulo: Paz e terra, 2000.

PINHEIRO, Cláudia do Vale. **O sentimento de raiva na percepção de professores e alunos do 3º grau**. São Paulo. Dissertação de mestrado: PUC, 1995.

POURTOIS, Jean-Pierre; DESMET, Huguette. **A educação Pós-Moderna**. Tradução: Yone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo, Loyola, 1999.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: Métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia Afetiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e Inteligência: a emoção na educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SANTOS, Sheila Daniela Medeiros dos. **Sinais dos Tempos: marcas da violência na escola**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

SAWAYA, Bader Burihan. Fome de Felicidade e liberdade. In **Muitos lugares para aprender**. Centro de Estudos e pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – CENPEC – São Paulo: CENPEC/ Fundação Itaú Social/ UNICEF 2004.

SILVA, João Paulo Carvalho et al. **Ação Pastoral da História do Bairro Satélite**. Edição experimental. Teresina, 1999.

SPOSITO, Marília Pontes. A instituição escolar e a violência. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, nº 104, pp. 58-75, julho, 1998.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno. IN **Anuário 2000. GT\_ Psicologia da Educação**. ANPED, 2000.

VALLEJO, Pedro Morales. **A relação professor-aluno: o que é, como se faz**. Tradução: Gilmar Saint' Clair Ribeiro. 4º ed. São Paulo, Loyola, 1999.

VIANNA, Heraldo Marelim. **Pesquisa em educação: a observação**. Brasília: Plano Editora, 2003.

VIANA, Livia F. N. S; BOMFIM, Maria do Carmo. A Afetividade entre atores escolares: condição de enfrentamento das violências na escola. In **Anais do II Encontro Ibero-Americano dos Observatórios de Violências nas Escolas**. Belém, 2005.

VIGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. Tradução: Jefferson Luis Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_; LURIA, Alexander; LEONTIEV, Alex. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução: Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, 1988.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. Tradução de Esméria Rovai – São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

WALLON, Henry. **As origens do caráter na criança** - Os prelúdios do Sentimento de Personalidade. Tradução: Pedro da Silva Dantas. São Paulo: Itu, Difusão Européia do Livro, 1971.

\_\_\_\_\_. **A evolução psicológica da criança**. Tradução: Cristina Carvalho. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1998.

ZAGURY, Tânia. **O adolescente por ele mesmo**. 11<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.